

Resumo Unidade I – Ética Cristã e Responsabilidade Social por Carlos Xandelly – maio 2019

Introdução

A ética cristã e a responsabilidade social da igreja encontra fundamentação e base orientadora na fundamentação bíblico-teológica. Na atual contemporaneidade e neste *status quo* de mundo caído temos percebido diversas mazelas sociais, problemas de vários cunhos políticos e interesses, e precisamos compreender a parte ética cristã e responsabilidade social que a Igreja está inserida, não como movimentos ideológicos ou buscando realizações pessoais demagógicas ou pessoais, onde os benefícios recaem mais sobre o doador do que o próprio beneficiário, sem causar impactos transformadores e sustentáveis efetivos, aumentando a relativa irrelevância social da Igreja.

Se a nossa Fé não da conta da vida real, das múltiplas necessidades das pessoas em seus dilemas e anseios mais profundos, estamos brincando de uma ilusão, pois a vida real exige de nós respostas concretas para as questões do ser humano e da sociedade em toda a sua complexidade. Isto é, não é opção para a Igreja engajar-se no mundo sem ser do mundo.

Missão da Igreja

A Missão da Igreja deve ser, portanto, mais do que o povoamento do céu, a tradução da ação de Deus para o discipulado de nações. A fé deve dar conta da realidade, urge a compreensão de uma missiologia integral como fundamento efetivo para nossa ética e nossa responsabilidade diante da sociedade. Essa compreensão deve nos levar a uma ação mais efetiva e transformadora, fundamentando e orientando aquilo que, muitas vezes, já acontece na prática de forma amadora e intuitiva. Vemos indivíduos cristãos e igrejas empreendendo um esforço grande para, de alguma forma, impactar a sua comunidade, ou um grupo de pessoas em condições de vulnerabilidade ou marginalidade.

CHAVE HERMENÊUTICA E EQUÍVOCOS INTERPRETATIVOS

A Bíblia não é um livro comum. Ela é uma biblioteca, um conjunto de 66 livros escritos por pessoas inspiradas pelo Espírito Santo, nos originais aramaico, hebraico e grego, num intervalo de milhares de anos e em contextos totalmente diferentes do nosso. Embora sejamos defensores do princípio reformado do livre exame das escrituras, concluímos que a leitura e a apreensão da verdade é bíblica e uma tarefa complexa, que requer conhecimento e critério.

Sempre que nos aproximamos da Bíblia, utilizamos naturalmente um “óculos”, a este óculos, esta visão chamamos de cosmovisão ou visão do mundo; este óculos fazem a mediação entre o conteúdo e o que absorvemos e interpretamos dele. Ao fazer essa mediação sócio-analítica, eles são encarregados de conferir sentido ao todo da revelação.

O REINO DE DEUS COMO CHAVE HERMENÊUTICA DAS ESCRITURAS

A compreensão mais fundamentada acerca da integralidade da missão, ética cristã e responsabilidade social da Igreja se baseia numa compreensão acerca do próprio reino de Deus, sua definição e abrangência.

Entendemos o reino de Deus como todo lugar ou todo ambiente onde Deus Reina. O reino de Deus e o governo de Deus, a plena manifestação da Sua vontade. Afirmar que o reino de Deus e chegado a nossa vida e afirmar que o Governo de Deus chegou a nos. Isso abre para a possibilidade de ampliar o escopo da nossa Missão, pois passamos a entender que o reino de Deus vai alem da própria igreja, assim como as implicações sociais deste Governo.

O reino de Deus e a volta do governo sobre todas as coisas criadas para as mãos de quem nunca deveria ter saído. Diferenciamos o Governo de Deus da Soberania de Deus. Sua soberania permanece para sempre, mas em sua própria soberania Deus deu a liberdade ao homem como cocriador e cogestor da criação, e este, ao pecar, distanciou-se de Deus, levando toda a criação consigo. Deus é soberano, mas o Governo dEle ainda não está estabelecido sobre toda a Criação. A obra de Deus consiste em restaurar todas as coisas, reconciliar consigo mesmo toda a criação, que esta em rebelião contra Ele. Esta e a essência do relato bíblico, desde Genesis ate Apocalipse.

CRIAÇÃO - QUEDA – REDENÇÃO

A história bíblica pode ser resumida na camada tríade bíblica teológica reformada: criação, queda e redenção. A Bíblia é a história de uma Criação, de uma Queda e de uma Redenção. Sabemos que Deus é o criador de todas as coisas. O argumento lógico é que, se Deus é o criador de todas as coisas, não pode haver nenhum aspecto da criação sobre o qual ele não tenha interesse ou não deva governar. Em nossa ênfase soteriológica, esquecemos que a Criação toda pertence a Deus, que Ele ama a Sua criação, e que a Criação, em si, é boa.

Contudo, a Bíblia deixa claro, no relato de Genesis, que os plenos desígnios de Deus não se cumpriram. A liberdade do homem e o seu pecado abriu espaço para a manifestação do segundo elemento da tríade: a Queda.

Entendemos que todos os elementos da Criação foram afetados pela queda, caracterizando o **conceito reformado de “depravação total”**. O que isso quer dizer? Este conceito não diz respeito a intensidade do pecado, mas a sua amplitude. **Todas as dimensões de Criação foram afetadas pelo pecado.** Tudo caiu, logo tudo pode ser redimido. Nesse sentido, a Queda não afetou apenas a alma humana, como muitas vezes tem sido a ênfase da nossa teologia.

Em nossa ênfase reducionista, afirmamos que nossa missão como Igreja é levar pessoas a um relacionamento com Deus, ensinando-os a ser apenas religiosos. Embora isso não seja errado, é incompleto, ou seja, não abarca toda a verdade bíblica. A redenção, por definição, tem que ser maior que a Queda. Essa compreensão é radical e muda a nossa proposta missiológica. Aqui esta o fundamento da nossa responsabilidade social e da integralidade da Missão.

A **Missio Dei, ou Deus em Missão** (BOSCH, 2002), é a restauração de todas as coisas caídas. Portanto, que outra missão há, senão uma missão integral? Somos cooperadores com Deus na Obra de reconciliação de todas as coisas! Deus está em Missão. Deus está reconciliando consigo mesmo todas as coisas. Todos os domínios sociais, estabelecidos por Ele na Criação, e que foram integralmente afetados pela Queda, devem ser entregues ao Governo de Deus. Neste caso, o próprio termo Missão Integral seria redundante, pois somente *Missão* deveria definir, por si só, o escopo integral da ação missionária de Deus.

O fundamento sólido da Integralidade da Missão se dá pela compreensão do oníabrangente Reino de Deus. A chegada do Reino em nossas comunidades, cidades e nações, traria implicações abrangentes, afetando todas as áreas da vida.

O DUALISMO GREGO E A SUA INFLUÊNCIA NA MISSIOLOGIA DA IGREJA

Para o dualismo grego, tudo que é espiritual ou etéreo é sagrado, e tudo que é físico e material, é profano. Nesta concepção de mundo, a matéria é essencialmente má. A cosmovisão grega antiga, portanto, concebia a realidade em termos de uma dualidade que colocava em oposição o sagrado e o profano.

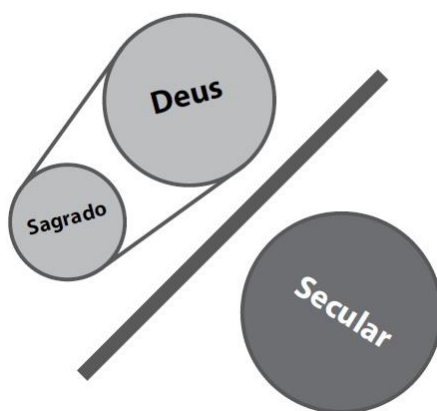
A matéria estava na esfera do profano, simplesmente por ser matéria. Ao contrário dos hebreus, que concebiam a vida de uma forma mais integral e integrada, emprestando dos aspectos concretos da vida atributos para o próprio Deus. Isto é, enquanto o grego tende a abstrair os atributos da divindade (onisciente, onipotente, onipresente), o hebreu o chama de rocha, escudo, refúgio e fortaleza.

Com a chegada do evangelho, em certo sentido houve um tectismo de síntese, ou seja, elementos da fé cristã foram acrescidos, mas a estrutura do pensamento, em muitos casos, permaneceu dual. Essa estrutura se manifesta de várias formas. Atualmente, toma forma na idéia de vida cristã versus vida secular, ou seja, as esferas do sagrado e do profano assumem contornos com outras nomenclaturas, mas a estrutura e as concepções originais permanecem em outros termos.

A dicotomia sagrado versus profano assume, também, a forma de evangelismo versus ação social, missões versus desenvolvimento social, fé versus obras e penetra na esfera vocacional, na forma clero versus laicato, contrariando o conceito bíblico de sacerdócio universal dos crentes.

Esta tendência gnóstica de superespiritualização sempre acompanhou e foi uma tendência na História da Igreja, manifestando uma orientação de sacralização das atividades espirituais e místicas. Fazemos vigílias de oração pela libertação dos presos, enquanto Jesus nos manda visitá-los em suas prisões.

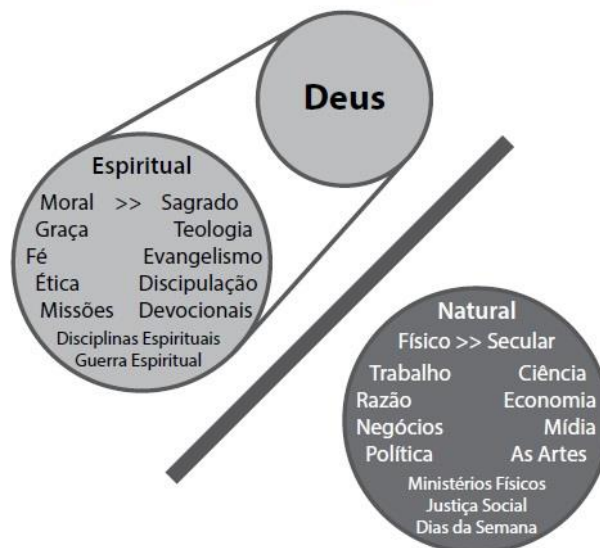
Dicotomia Sagrado versus Profano



A Dicotomia Grega

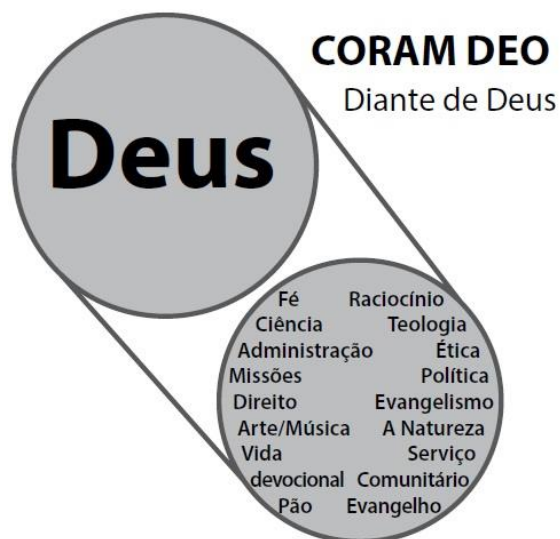
Domingo	Mais alto Mais importante	Graça	Espiritual (sagrado)	Fé Teologia Ética Missões Vida devocional Evangelho
Dias da semana	Mais baixo Menos importante	Natureza	Físico (secular)	Razão Ciência Negócios/economia Política Arte/música Ministério físico Pão

Gnosticismo Evangélico



O traço mais característico do gnosticismo era um dualismo ontológico irreversível, uma oposição entre um Deus transcendente e um demiurgo obtuso que criara o mundo material. Essa criação material era integralmente perversa e adversária irrevogável do deus transcendente. Via-se o mundo, primordialmente, como uma ameaça, uma fonte de contágio. Por conseguinte, a cristologia do gnosticismo seria docética: Cristo não era um ser humano real, mas apenas parecia se-lo. Esse dualismo ontológico onipresente manifestava-se em pares infinitos de opostos: o temporal e o eterno, o físico e o espiritual, o terreno e o celestial, o aqui e o além, a carne aqui embaixo e o espírito lá em cima etc.

Não haverá uma ética cristã sólida, um ministério efetivo de transformação comunitária e tampouco uma ação transformadora relevante da Igreja se a nossa concepção de mundo e, conseqüentemente, a nossa **missiologia for baseada no gnosticismo evangélico, filho do dualismo grego. O conceito de vida *Coram Deo* (vida perante a face de Deus, o todo da vida vivido para a Glória dEle) é o conceito reformado que desconstrói o gnosticismo evangélico.**



Logo, o Cristianismo como sistema total de vida e pensamento é o fundamento da responsabilidade social da Igreja. A fé cristã é uma visão de mundo e as escrituras oferecem os elementos fundamentais e fundantes para o discipulado de nações, possuindo um escopo integral, não dualista, a partir da revelação de Deus. Nesse sentido, a fé é muito mais do que uma experiência religiosa, subjetiva, individual e mística (embora inclua isso). É uma visão de mundo. Nesse sentido, o pecado do incrédulo e resistir a Verdade, o pecado da Igreja tem sido restringir a Verdade.

Existem outros sistemas totais de vida e pensamento, como o Islamismo, o Humanismo Secular, possuindo cosmologia, moralidade, escatologia e influenciando todos os domínios sociais. Um sistema total é o grande orientador de sentido e significado para determinada coletividade. Sabemos que a estrutura dual de pensamento é muito presente no pensamento e na concepção ocidental de mundo.

Na segunda metade do século XIX, a fé cristã foi duramente atacada em seus fundamentos.

Nesta época, nasceram disciplinas, como a sociologia, e psicologia e o darwinismo emergiu com a publicação de Origem das Espécies (1865). Os líderes cristãos em geral, nessa época, não souberam responder ao debate no campo das idéias, criando espaço para o movimento fundamentalista: a idéia era voltar ao que é fundamental ou essencial, como Missão da Igreja. A tarefa da Igreja teria que ser a salvação das almas e o cuidado das coisas espirituais, caracterizando o movimento missionário hegemônico que veio para o Brasil. A Igreja, que tinha universidades, passou a preocupar-se apenas com a formação teológica. A omissão da Igreja e a redução da fé abriu o caminho para o fortalecimento do humanismo secular na batalha pela cultura ocidental.

AS IMPLICAÇÕES DO DUALISMO GREGO PARA UMA VISÃO DAS VOCAÇÕES HUMANAS

Como resultado do dualismo grego e do gnosticismo evangélico, muitos cristãos em geral, tem vivido uma espiritualidade fragmentada, em que não conseguem ligar o mundo do trabalho com o Reino de Deus. Isso traz uma série de problemas e frustrações para os cristãos. Substituímos o conceito hebraico de *avad* (trabalho como adoração), pela idéia latina de *tripalium* (instrumento romano de tortura que gerou a palavra trabalho, em português). Senão vejamos:

Dois modos de vida foram dados pela lei de Cristo à Sua Igreja. O primeiro é acima da natureza e além da vida humana comum... plenamente e permanentemente separada da vida comum e costumeira do ser humano, ela

se devota somente ao serviço de Deus... esta é a forma perfeita da vida Cristã.

O segundo, mais humilde e mais humano me permite possuir capacidade para agricultura, comércio e para outros interesses mais seculares como também para religião... E um tipo secundário de graça é atribuído aos tais.

Na concepção eusebiana, a Vida Perfeita era a vida contemplativa, mais elevada, sagrada, espiritual, era exercida pelos "superiores" sociais e espirituais. Neles, estão incluídos os padres (sacerdotes), freiras, monges e os aristocratas. Já a Vida Permitida correspondia a vida ativa, ou seja, a atuação secular é inferior, exercida pelos "inferiores" sociais e espirituais. Aqui, incluem-se os agricultores, as donas de casa, os atendentes de loja, trabalhadores braçais etc.

A reforma da Igreja do século XVI veio, entre outras coisas, para romper com esta mentalidade dual no que diz respeito a vida vocacional e as profissões.

Nesta mesma linha, um dos ícones do neocalvinismo holandês, o reformador social e primeiro ministro da Holanda, **Abraham Kuypers**, afirmou nas famosas *The Stone Lectures*, na Universidade de Princeton, em 1898:

Onde quer que o homem esteja, o que quer que faça, ao que quer que lance as mãos, na agricultura, no comércio e na indústria, ou em sua mente, no mundo das artes e ciências, no que quer que seja, ele permanecerá sempre diante da face de Deus, ele está empregado no serviço de seu Deus, ele tem que obedecer ao seu Deus e, acima de tudo, seu objetivo deve ser a glória de Deus.

Segundo Miller (2012), **esta é a essência da vida *Coram Deo*, pregada pelos reformadores da Igreja.**

A nossa responsabilidade social e ética diante da sociedade passa por uma concepção integral e integrada de vocação e chamado, compreendido, aqui, a partir do conceito de *Vocare*, ou *Vox*, ou seja, da compreensão da *Voz de Deus*, do Chamado peculiar e da contribuição de cada indivíduo para a concretização do plano e dos desígnios de Deus na construção do Seu reino.

Sabemos que a Queda também afetou o mundo da vocação e do trabalho, transformando o *avad* (trabalho como adoração) em *eved* (trabalho escravo). O trabalho, concebido por Deus para ser o exercício da vocação de cada pessoa, em resposta ao mandato cultural de Genesis, tornou-se penoso e difícil. Nasceu o trabalho escravo, a exploração do homem pelo homem, a opressão, o abuso, a exploração. Aqui também, o agir transformador da Igreja, no campo do trabalho, deveria ser traduzido na mudança do *eved* em *avad*, ou seja, em ajudar as pessoas a encontrar as suas vocações e a andar nela.

O que importa não é a atividade em si, mas a forma como ela é exercida. Há diferenciações de destacamento e designação (local e extralocal) e de consagração, **mas todas as atividades, sejam de cunho intelectual ou braçal, são legítimas e devem ser santificadas diante de Deus. Esse é um firme fundamento da ética crista.**

O SENHORIO DE CRISTO SOBRE OS DIFERENTES DOMÍNIOS SOCIAIS

A idéia central é que a sociedade é composta por diferentes áreas, cada qual com suas características específicas, e que a Igreja deve influenciar todas elas, manifestando o senhorio de Cristo.

Mas o que significa pensar o senhorio cósmico sobre os diferentes domínios sociais em uma sociedade complexa como a nossa?

Aqui, utilizaremos a abordagem de Herman Dooyeweerd (1986), que estabeleceu o conceito de esfera de soberania, ou esferas modais, ou seja, a sociedade seria dividida em diferentes esferas, cada qual com o seu próprio núcleo de sentido, com suas peculiaridades advindas da essência do próprio Deus e estabelecidas na ordem criacional. Deste modo, cada esfera de soberania revela quem Deus é, tem uma lei específica, ou um motivo-base, e Cristo deve governar sobre todas elas. Além disso, cada esfera estabelecida por Deus tem as suas próprias instituições sociais, a medida que as sociedades vão formando-se e complexificando-se.

Apresentaremos de forma simplificada e didática alguns exemplos:

- **Esfera pística** – esta é a esfera da fé (do grego *pisthos*, fé). Ela existe para nutrir a fé. Nesta esfera esta a igreja local, os seminários teológicos, as agências missionárias para a propagação da fé.
- **Esfera ética** – esta é a esfera do casamento e da família, governada pelo amor.
- **Esfera estética** – esta é a esfera da arte, governada pela beleza, existe para a expressão do Belo (o Criador).
- **Esfera jurídica** – esta é a esfera do Estado, governada pela lei da Justiça.

Aqui também estão os movimentos de pressão e os partidos.

- **Esfera lógica** – esta é a esfera do conhecimento, onde está a produção do conhecimento científico e as Universidades.
- **Esfera econômica** – esta é a esfera do mercado, o domínio social das empresas, da produção de riqueza para o bem comum.

Entender as leis que governam as esferas específicas ou o motivo-base de cada uma delas é fundamental em diversos aspectos:

- para a compreensão e o exercício do chamado vocacional de cada indivíduo;
- para a compreensão da natureza das instituições pertencentes a cada esfera: para que elas existem, como devem funcionar e o resultado que cada uma delas deve trazer para a sociedade;
- para o discernimento dos efeitos da Queda sobre cada esfera específica, as influências de outros sistemas de crenças e visões de mundo sobre elas, consequentemente, qual e a tarefa da Igreja na cooperação com Deus para a redenção das esferas

A alteração ou distorção de um motivo-base (igrejas que funcionam como empresas, em que o critério último de êxito é a condição financeira, por exemplo, ou igrejas que funcionam como clubes sociais, onde há comunhão, mas não há nutrição da fé) causam desconforto, pois ferem princípios da ordem da criação estabelecida por Deus. A igreja local, sendo da esfera pística (a esfera da fé), tem como finalidade a nutrição da fé. Todos os demais atributos (beleza estética do culto, arrecadação financeira, gestão por

competências etc.) podem e devem existir em harmonia, mas a finalidade é prioritária e não pode faltar. Os demais atributos e características devem estar a serviço disso.

Outros exemplos são empresas que funcionam pastoralmente, como se fossem igrejas, e acabam indo a falência, pois a empresa está na esfera econômica, e não na esfera pística. Um político que, ao invés de fazer o que é justo e propagar a justiça, utiliza-se do Estado para propagar a adesão a fé ou impo-la a sociedade, comete um equívoco, uma confusão de esferas, ferindo a ordem criacional, o que causa confusão e vários problemas.

A esfera jurídica, ou do Estado, como derivação do caráter do próprio Deus, é a esfera da Justiça. O cristão que tem vocação para a política exerce o seu trabalho na arena política para que a Justiça se manifeste, e não para que a fé se propague (embora isso também possa e deva acontecer como resultado do seu testemunho).

Logo, a sua preocupação deve ser: o que é justo para todos os cidadãos? Que tipo de decisão ou de política pública vai gerar uma sociedade com mais justiça, equidade, prosperidade e solidariedade? A confusão de esferas causa desequilíbrio e toda sorte de equívocos, abusos e problemas.

Dentro do princípio do homem como cogestor da criação e como aquele a quem Deus instituiu autoridade sobre a criação, compreendemos que cada esfera possui as respectivas classes de pessoas que exercem autoridade sobre aquele domínio social específico, a partir de um chamado ou uma vocação dada por Deus. Desta forma, o prefeito não pode dizer a igreja como praticar os sacramentos. Da mesma forma, o pastor não deve dizer ao cientista como fazer a pesquisa científica, nem ao prefeito como governar.

Um princípio fundamental a ser observado, dentro de uma perspectiva cristã de reforma social, é que Cristo deve estar no centro, governando todos os domínios sociais. Logo, não é a Igreja em si que deve ser a governante (embora ela seja a grande influenciadora de todas as demais esferas), tampouco qualquer uma das outras esferas. Segundo esta teoria, o reino de Deus seria caracterizado pela harmonia dos domínios sociais, que respeitariam uns aos outros. Sempre que uma esfera se coloca no centro, tentando governar as demais, ou mesmo tentando "achatar as demais", Dooyeweerd (1986) chama isso de tirania.

Alguns exemplos históricos podem ser citados. Um deles seria a Igreja dominando todas as esferas na Idade Média (o domínio do papa sobre os reis, a arte sacra como a única legítima etc.). Outro exemplo poderia estar relacionado as varias tentativas do Estado de legislar sobre a consciência das pessoas e dominar sobre todas as demais áreas, em diversos momentos da historia, gerando totalitarismo, violência, discriminação e ate genocídios e guerras.

Atualmente, vivemos a tirania da esfera econômica ou esfera do mercado. A manifestação disso na Igreja, atualmente, está na constatação de que ela se torna um empreendimento econômico-religioso e as evidências de uma vida de fé se confundem pelas evidências do próprio mercado, ou seja, a bênção divina repousa (ou, no mínimo, e enfatizada) sobre a prosperidade material. O mercado domina a produção cultural e artística, as relações e as decisões das pessoas e dos países.

Nesta visão reformada, que foi brilhantemente sistematizada pelo neocalvinismo holandes, as esferas devem ser integradas e harmônicas. Isso caracteriza uma visão cristã de sociedade, em que a família, o Estado e a Igreja, assim como cada uma das instituições sociais, tem, cada qual, o seu devido lugar, exercendo o seu papel com clareza a cooperando entre si.

A Igreja transformadora, portanto, é aquela que identifica e prepara os seus vocacionados para todas as esferas de soberania, entendendo que o vocacionado não é apenas para a esfera pística (âmbito da igreja local), mas para todas elas. Cada cristão deve se perguntar: o que significa ser um agente de reconciliação da esfera para o qual eu fui chamado? Qual é a lei dominante para a esfera do meu chamado vocacional, ou que significa glorificar a Deus nesta esfera? Quais as marcas da Queda na minha esfera?

Sabemos que esta é uma tarefa muito grande e desafiadora, e que nenhuma igreja local conseguiria identificar e preparar os seus membros para os chamados específicos em cada uma das esferas. Nesse sentido, cremos em ministérios de referência específicas, caminhando lado a lado com as igrejas locais, ou pastorais que apóiam os cristãos em seu chamado para os diferentes domínios sociais.

Assim, temos ministérios, organizações e instituições cristãs voltadas exclusivamente para a área da educação, por exemplo, formulando novos currículos, ensinando crianças a pensar de acordo com os princípios das Escrituras, fundando escolas e influenciando as políticas públicas na área da educação.